

UM ESTUDO SOBRE FORMAÇÃO EDUCACIONAL E GÊNERO A PARTIR DE PESQUISA DA VIDA DE MARIA CELESTE VIDAL: PROFESSORA E MILITANTE POLÍTICA¹

Raquel Barreto Nascimento²
Tayanne Adrian Santana Moraes da Silva³
Raylane Andreza Dias Navarro Barreto⁴

INTRODUÇÃO

A proposta de realização deste estudo de iniciação científica atrela-se ao projeto de investigação interinstitucional intitulado “A educação de Mulheres no Brasil ao longo dos séculos XIX e XX”, que tem como propósito oferecer possibilidades teóricas a serem trilhadas na investigação da realidade brasileira, levando em consideração a sua construção heterogênea, pautada de grande diversidade de condições e oportunidades. Estudando a trajetória de mulheres, objetivamos entender a sua composição e, para além das suas instâncias formativas, entender as disparidades entre o que se viabiliza, em relação às oportunidades, para homens e mulheres no século XX, atentando para suas classes sociais, poderes econômicos e aquisitivos e, acima de tudo, para como as relações de gênero se impõem neste recorte temporal. Neste sentido, nos debruçarmos sobre o estudo da educação feminina nos permite entender os principais impasses postos às mulheres em detrimento de sua condição biológica.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, nos inclinamos sobre os manuais, currículos, no estudo das perspectivas dos status sociais que estas adquiriram em uma sociedade marcadamente patriarcal e, ainda, nos reflexos que a vida de Maria Celeste Vidal proporciona para o estudo das relações de gênero no campo teórico, metodológico e da pesquisa, a fim de também justificar a necessidade da consolidação de relações de gênero mais igualitárias no país em tempos atuais.

Pautadas nesta perspectiva, este trabalho, especificamente, investiga a vida e atuação de Maria Celeste Vidal, que se destacara nos anos de 1960, como sujeito político de atuação destacada, sobretudo nas ações voltadas a distribuição de terras em Pernambuco. Tal escolha torna-se possível à luz do pensamento de Ferrarotti (1985, p. 51), que atenta para a possibilidade de se conhecer o coletivo partindo do individual: “Se nós somos, se cada indivíduo representa a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social partindo da especificidade irreduzível de uma práxis individual.”

Ao revisitarmos a história, tomamos como possibilidade trazer para o presente, como ensina Marc Bloch (2001, p. 66), a partir de “nossas experiências cotidianas”, “matizes novos” e elementos para investigar o passado, buscando o que dele ainda se encontra no presente. Neste sentido, a partir do caso da professora que fora presa política durante o regime

¹ O estudo faz parte do projeto de pesquisa de iniciação científica intitulado “A educação de mulheres ao longo dos séculos XIX e XX”, financiado pelo CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

² Graduanda pelo Curso de História da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, raquelbarreto.nasc@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de História da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, tayanne_morais16@hotmail.com;

⁴ Professor orientador: Doutora, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, raylanenavarro@bol.com.br.

civil militar, Maria Celeste Vidal, encontramos indícios de como a identidade feminina pode ser construída.

Para além de traçarmos a trajetória cronológica e factual de vida de Maria Celeste Vidal, atentamos para a sua formação, seus saberes e fazeres através de uma perspectiva de gênero. Neste sentido, compreender o desenvolvimento de sua educação formal e política, enquanto elemento individual de uma composição social mais abrangente nos possibilita destrinchar os acontecimentos e as tendências da educação de gênero no século XX e, conseqüentemente, nas gerações posteriores

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Nosso interesse na realização deste estudo está em compreender - a partir da vida de Maria Celeste Vidal - o coletivo, ou seja, as dimensões das dificuldades do “ser mulher” no século XX, assim como os caminhos encontrados por estas a fim de driblar o controle de uma sociedade notadamente machista e patriarcal. Neste sentido, nos é possível também compreender a história de uma mulher, que assim como muitas outras, revelaram-se mulheres do seu tempo, atuando política e socialmente nos espaços que ocupou enquanto cidadã nas distintas esferas da vida pública.

Mediante a pesquisa bibliográfica e documental, nos debruçamos sobre a biografia de Maria Celeste Vidal, com o intuito de compreendermos a sua formação básica - elementos de sua educação formal que a conduziram para o exercício da docência -, sua militância política, os acontecimentos políticos e sociais que a conduziram ao seu encarceramento durante o Regime Civil Militar no Brasil (1964 - 1985) e suas demais experiências individuais, a fim de entender o coletivo sob uma ótica de gênero, ou seja, os diferentes papéis que as mulheres, ditas comuns, ocupavam naquela sociedade e que reverberam na atualidade.

Seguindo esta perspectiva, Schultz (1964) aponta que cada ator social experimenta e conhece o fato social de maneira particular, mas as experiências vivenciadas e internalizadas ganham significados que perpassam pelo convívio grupal, de modo que as interpretações dos acontecimentos não se reduzem à soma dos elementos, mas sim à compreensão dos modelos culturais e das particularidades do entorno. Deste modo, buscar entender a atuação de uma mulher, frente a um regime autoritário e eminentemente masculino, nos condiciona a procedimentos metodológicos que vão desde a pesquisa bibliográfica e documental até a metodologia da história oral. Tais procedimentos permitem que analisemos com rigor a vida desta educadora, visando contemplar suas trajetória - desde a infância até seu falecimento - atentando, sobretudo, para seu percurso profissional e suas contribuições para o despertar de novas perspectivas acerca das relações de gênero postas no período estudado.

Neste sentido, tendo em vista o fato de que a metodologia da história oral considera as lembranças, os esquecimentos e subjetividades, abordando um universo de significados, significações, ressignificações, representações psíquicas e sociais, simbolizações, simbolismos, percepções, pontos de vista, perspectivas, experiências de vida e analogias (TURATO, 2003), as subjetivações das mulheres possibilitam lançar luz nas interpretações que os sujeitos constroem sobre si e sobre seus artefatos, clareando o que sentem e pensam acerca das vivências pessoais e grupais.

Enquanto instrumentos de descobertas e exploração das fontes orais realizar-se-á entrevistas com parentes e contemporâneos de Maria Celeste Vidal. Tais narrativas apesar de não serem tomadas como reveladoras da verdade, mostrará as representações construídas em torno desta personagem histórica que, na condição de mulher, superou preconceitos, enfrentou o sistema e se faz constar na hierarquia política de Pernambuco. Desse modo, a narrativa não será uma representação exata do que existiu, mas sinalizará uma compreensão de como se processou a travessia do passado ao presente.

DESENVOLVIMENTO

O projeto, ainda em desenvolvimento, traz alguns elementos que podem assim ser sumariados: destaca a importância da realização de estudos biográficos que possibilitam entender, mediante a pesquisa; a organização social de uma comunidade em determinado recorte temporal; atrela a atuação política e os estudos de gênero, situa a atuação feminina no contexto do regime civil militar ao passo em que expõe as experiências dentro de um regime autoritário e, ainda, põe em evidência as causas da reforma agrária.

Ao nos debruçarmos no estudo biográfico de Maria Celeste Vidal, constatamos algumas particularidades que, quando postas à prova, revelam muito mais sobre o coletivo do que apenas sobre as vivências individuais desta. Considerada um perigo para o Regime imposto e para a ordem social vigente, os arquivos do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) revelam os desafios enfrentados por “Celeste Vidal”, como também ficou conhecida, no período. Nossas pesquisas documentais em relatórios policiais e de investigações, depoimentos e registros da Secretaria de Segurança Pública, revelam as adversidades sofridas por ela frente à opressão institucionalizada, tendo o Estado brasileiro como seu maior patrocinador. Neste sentido, destacamos que o estudo biográfico torna-se uma metodologia viável para adentrar nesse momento político do Brasil, uma vez que esse tipo de personagem que Vidal representa, foi decisivo para os rumos do Brasil pós regime.

A realização deste estudo visa contribuir também com o projeto guarda-chuva que tem por objetivo produzir um conhecimento histórico sobre a educação de mulheres nas diferentes regiões brasileiras mediante a análise de fontes diversas, sendo possível entender, dentre outros aspectos, a instrução de caráter individual da esfera doméstica que se alarga para o coletivo, proporcionando marcos temporais que perpassam as suas gerações. Maria Celeste Vidal também se caracteriza, neste sentido, como uma importante personagem, pois nos permite, através do estudo de suas vivências, compreender como se estabelecem as relações de gênero dentro de um Regime marcadamente repressor.

No “Termo de declaração” que presta Joaquim Bosco Tenório Medeiros, um dos dois homens comerciantes locais e denunciante, nos deparamos com indícios da atuação de Maria Celeste Vidal com as questões que remetem à Reforma Agrária. Em 05 de abril de 1964 em Vitória de Santo Antão, Joaquim Medeiros realizara uma denúncia afirmando que a sociedade local “vivia ultimamente verdadeiro constrangimentos” em decorrência da atuação de “agitadores” que pregavam em praça pública a “luta de classes, jogando empregados contra patrões e, camponeses contra proprietários”. Atribuindo a responsabilidade destes “agitos” à Celeste Vidal, atentamos para o local de fala deste personagem – Joaquim Medeiros.

Para o referido, tendo em vista sua posição de comerciante, em nada lhe era benéfico a criação de sindicatos e a organização dos trabalhadores desejada por Maria Celeste Vidal. Destacamos ainda que tal denúncia contribuiu significativamente para a demissão de seu cargo de professora e a sua prisão posteriormente, evidenciando a vulnerabilidade feminina frente ao Regime Civil Militar.

Neste sentido, as documentações sobre Celeste Vidal nos revelam que, em relação às denúncias, pouco bastava para acusar, prender e torturar uma mulher neste período, valorizando-se fortemente a palavra do gênero masculino, da classe abastada que, durante o Regime Civil Militar, exercia influências e foram decisivos na sociedade. Assim sendo, este estudo expõe as experiências individuais e coletivas dentro de um regime autoritário, atentando para o papel assumido pelas mulheres neste contexto, uma vez que, apesar de não lhes ser conferida oportunidades de igualdade perante a organização social, recebiam o mesmo tratamento que os homens nas instâncias carcerárias e judiciais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como enunciado, trata-se de uma pesquisa em andamento, mas que já traz resultados significativos no tocante às questões de gênero, uma vez que provoca reflexão acerca das diferentes posições assumidas por mulheres ao longo da história, sobretudo no caso específico de Maria Celeste Vidal, durante o Regime Civil Militar (1964 – 1985). É notório perceber que a construção de uma história das mulheres nos possibilita compreender as diferentes facetas assumidas por estas, que se destacaram por protagonizarem realizações tipicamente masculinas no período estudado, abrindo assim possibilidades para que hoje, as mulheres pudessem ocupar outros espaços que não estão restritos à esfera doméstica.

Neste sentido, situamos Michele Perroux (1988) quando destaca que as pesquisas feministas contribuíram para a “reavaliação do poder das mulheres”, uma vez que visavam superar os discursos da opressão, procurando mostrar a presença e a ação das mulheres e plenitude de seus papéis. Afirmação que se faz bastante presente neste estudo, visto que nos propomos a investigar, a partir da biografia de Maria Celeste Vidal, a história das mulheres ao longo do século XX, sobretudo durante o Regime Civil Militar.

Mulher, pernambucana, mãe, professora e militante política, a nossa personagem se destaca por assumir um diferente papel durante o Regime Civil Militar uma vez que, devido a sua atuação, passa a ser tratada como igual em relação aos demais homens também vítimas do autoritarismo repressor da década de 1960. Neste sentido, destacamos que o estudo das relações de gênero neste período se faz muito necessário, uma vez que ao estudarmos a figura masculina durante o período, nos deparamos com diferentes perspectivas de quando nos debruçamos sobre as personalidades femininas, mesmo levando em consideração o fato de que, no que diz respeito às torturas e aprisionamentos, a mulher é posta em relação de igualdade para com os homens.

Cabe-nos perceber, porque este processo se efetou, ou seja, porquê nestas situações as mulheres são postas em igualdade e, quando na composição social rotineira, são marginalizadas. A resposta para essas e outras questões se centram no estudo das biografias destes sujeitos, sendo possível, a partir delas esclarecer pontos fundamentais para entendermos a composição social, as relações de gênero, os diferentes papéis assumidos pelas mulheres e, desta forma, consolidar avanços significativos para a história social, cultural, educacional e das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a história social e cultural é, antes, pensar as relações de gênero e como elas se estabelecem em cada período e nos diferentes contextos. A realização deste estudo é fundamental para entender as disparidades sociais entre os gêneros, isto porque como aponta Thomas Laqueur (2001), apesar das distinções biológicas entre homens e mulheres, estas diferenças naturais não são tão conclusivas como se pensa. Partindo desta perspectiva, situamos Guacira Louro (1997) ao defender a inserção dos debates sobre gênero na esfera do campo social, fundamenta que é neste que se “constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos”. Neste sentido, as justificativas para as desigualdades – que compõem a estrutura social – entre homens e mulheres não precisariam ser buscadas nas diferenças biológicas, do contrário, se evidenciam nos “arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação” (p. 22).

Assim, a realização deste estudo contribui para a afirmação de que as mulheres, em diferentes períodos, com diferentes trajetórias, ocuparam lugar revelador em meio a sociedades marcadamente patriarcais e elitistas. O caso de Maria Celeste Vidal desperta, neste sentido, possibilidades de compreendermos os desafios enfrentados por ela e tantas outras

mulheres, politicamente iguais a ela, para a consolidação de seu lugar em espaços onde, previamente, não poderiam ser inseridas.

A personalidade de Celeste Vidal, seja em sua militância, seja em seu ativismo político, em sua formação ou em sua atuação doméstica, trás a tona importantes debates para a comunidade acadêmica, uma vez que é papel da academia reconhecer os sujeitos históricos “ouvir contar” as suas experiências que nos compõem, uma vez que seu caráter político e social, pode criar elementos para a produção de conhecimento que deve estar à serviço de políticas públicas que viabilizem a inserção dos diferentes gêneros em todas as esferas da vida pública.

Palavras-chave: Educação de mulheres, Relações de gênero, Regime Civil Militar, Maria Celeste Vidal.

REFERÊNCIAS

BLOCH, M. **Apologia da história**. Ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FERRAROTTI, F. Sobre a **autonomia do método biográfico**. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matthias (Org.). O método (auto)biográfico e a formação. 2. ed. Natal: EDUFRN, 1983.

FERRAROTTI, F. **História e histórias de vida**. O método biográfico nas Ciências Sociais. Natal: EDUFRN, 2014.

LAQUEUR, T. W. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução: Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós estruturalista. 6ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LORIGA, S. **O pequeno X**: da biografia à história. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

PERROUT, M. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1ª Edição. 1988.

SCHULTZ, A. **Equality and the Social Meaning Structure**. Collected papers II. Haia: Martins Nijhoff, 1964.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis RJ.: Editora Vozes, 2003.